

EVANILTON GONÇALVES • EDGARD ABBEHUSEN  
MARIANA PAIVA • MATHEUS PELETEIRO  
ELIZZA BARRETO • VANESSA BRUNT

ORGANIZADO POR

**VANESSA BRUNT**

# IR TAMBÉM É FICAR

EDITORIA PENALUX

Guaratinguetá, 2019



Rua Marechal Floriano, 39 – Centro  
Guaratinguetá, SP | CEP: 12500-260

penalux@editorapenalux.com.br  
www.editorapenalux.com.br

EDIÇÃO: França & Gorj

EDITORIAÇÃO ELETRÔNICA: Karina Tenório

REVISÃO: Fábria Barbosa | @koalaleitora

FOTOS DOS AUTORES: *Mariana Paiva*, por Iracema Chequer; *Vanessa Brunt*, por Nanny Santos; *Evanilton Gonçalves*, por Rimara Motta

CAPA: Vanessa Brunt (concepção); Karina Tenório (confeção).

---

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

B911i BRUNT, Vanessa. –  
Ir Também é Ficar / (org.) Vanessa Brunt. – Guaratinguetá, SP:  
Penalux, 2019.

110 p.: 21 cm.

ISBN: 978-85-5833-623-9

1. Contos I. Título.

CDD: B869.93

---

Índice sistemático:

1. Literatura Brasileira

Todos os direitos reservados.

A reprodução de qualquer parte desta obra só é permitida  
mediante autorização expressa do autor e da Editora Penalux.

# IR TAMBÉM É FICAR

*Vanessa Brunt*

## ESTADIA

Os fios ondulados e amarronzados do meu cabelo eram as únicas coisas ao redor que chegavam a lembrar da sensação de solo seguro, de familiaridade. Pelo menos foi o que eu pensei quando ouvi as duas vizinhas temporárias cochichando no corredor entre as quatro portas verdes de cada um dos apartamentos do nosso andar. Estava chegando da faculdade naquela noite quando olhei para o espelho da entrada e, enquanto escaneava as minhas impressões digitais na maçaneta, as ouvia dizendo baixinho em meio aos passos que davam em direção ao outro lado:

— Essa nova geração nunca vai saber o que é intimidade. Autoconhecimento precisa da criação de laço firme com outra pessoa, Valentina. E a gente reclamava da banalidade no nosso tempo... mal sabíamos. — Falava Alba, no auge dos seus 40 anos, enquanto Valentina, que devia ter a mesma idade, apenas dizia as palavras “com certeza” a cada nova frase.

A cada papo renovado que eu conseguia captar, elas citavam bastante o ano de 2019, mas parecia ser há milhões de séculos atrás pelas tantas diferenças mencionadas em relação aos dias de hoje. O ano de 2041 estava perto de chegar, mas antes dele, dois meses de mais mudanças ainda me aguardavam.

# NÃO ESQUEÇA A NANQUIM VERMELHA

*Elizza Barreto*

Giulia não entende nada. Nem mesmo como consegue carregar tanto peso nas costas em todas as suas viagens. Principalmente as inesperadas. Há quatro dias, ela tinha certeza de que passaria o Natal em alguma rede de *fast food*, sozinha, se protegendo do frio nova-iorquino que cortava a sua garganta.

Pedro, sua única família no Brasil, havia recebido alta de uma longa internação em um hospital psiquiátrico, em Salvador, sua cidade natal. Era hora de voltar para casa, ainda que por alguns dias.

O som das rodinhas gastas da sua mala a lembrava que não viajava há muito tempo. E ela sempre foi de viajar muito, sem sair do lugar. Hoje, sua vida se resume a escrever matérias, em uma coluna literária de um jornal com baixa repercussão, e receber um salário que permite um bom jantar no fim de semana. Ou passagens aéreas de última hora para o Brasil.

— Um café, por favor! — Ela retira algumas moedas de sua carteira e sorri para um jovem mal-humorado que a atende, às quatro da manhã, no aeroporto.

— Deseja acrescentar chantilly por mais cinquenta centavos? — Ele pergunta, esperando a sua resposta negativa.

— Sim, é claro! — Giulia não entendeu nada. O chantilly não tornaria o café aguado em uma bebida mais agradável.

# UM PASSO: TODA UMA VIDA

*Evanilton Gonçalves*

*Toda una vida me estaría contigo  
No me importa en que forma  
Ni como, ni donde, pero junto a ti.*

ANTONIO MACHÍN

Sérgio e Rose amavam bolero. Ele, segurança. Ela, garçonete. Trabalhavam juntos no Clube do Espetinho, espaço com nome popular, que recebia as pessoas da cidade ávidas por happy hour. No tradicional local onde se espetavam pedacinhos de pau em carnes alheias para se devorarem com prazer, o tempo quente de janeiro atraía aos montes as bocas noturnas guiadas pela luz do luar. Entre o zum zum zum, a maravilhosa sofreguidão de morder um espetinho pegando fogo e refrescar a boca em cerveja gelada ou, para os determinados em viver experiências gastronômicas únicas, a harmonização, como eles mesmos diziam, entre goles de uísque e a deglutição de carne vermelha. No cardápio: animais do céu ao mar. E assim, cada vez mais, camisas polo, calças jeans e mocassins ocupavam alguns assentos. Ao redor das mesas, se viam também belos vestidos, brincos e colares. Dizem que o boca a boca cravou a fama do Clube do Espetinho, ótimo lugar para arrotar comida gourmet e registrar selfies animadas.

# AMOR DE PUTA

*Matheus Peleteiro*

Tomás vivia se mudando por entre os arredores comerciais da cidade. Vez ou outra estava no Centro da Cidade, às vezes no Comércio e, de vez em quando, na Orla. Era casado, porém, há anos não sentia mais nenhum resquício de saudade da paixão que um dia cultivara por sua esposa, que correspondia ao seu des-amor. Ainda assim, constituíam uma família. Tinham trabalhos e outros problemas que lhes pareciam mais importantes, e, por isso, se entregavam àquela situação de conveniência.

Em razão disso, Tomás costumava sair do trabalho mais cedo que o horário em que terminava o seu expediente, com o intuito de beber algumas doses em algum boteco nas proximidades e não voltar para casa. Sentia prazer somente enquanto estava nos botecos ou se aventurando pelos cabarés da cidade, onde buscava mulheres que lhe proporcionassem ao menos uma conversa interessante. Às vezes ia atrás de sexo, mas, na maioria delas, queria apenas um colo e um abraço protetor. Era um bom cliente e gastava muito dinheiro. Nas casas de massagem com apresentações noturnas, as mulheres já o conheciam, e sempre torciam para serem a escolhida do dia. Era famoso também pelas boas gorjetas.

Numa dessas vezes, ele escolheu Tânia, moça um pouco jovem, mas experiente. Era muito inteligente e, embora tivesse estudado bastante, escolhera estar ali por não ter o menor interesse em manter uma vida de trabalho num escritório ou shopping.

# LORENA E TOBIAS

*Edgard Abbehusen*

A Ponte D. Pedro II está intacta desde 7 de julho de 1885. Um símbolo de resistência no coração do Recôncavo Baiano. Ela liga as cidades históricas de Cachoeira e São Félix. Lorena nasceu e cresceu em Cachoeira. Com o seu turbante cheio de cor, ela entra pela parte lateral exclusiva para pedestres desfilando e abrindo o seu sorriso para o Rio Paraguaçu. É noite, e a lua é tão forte e tão intensa que deixa um rastro de luz no meio do rio. Entrando pelo outro lado da ponte, Tobias, que mora em São Félix, vem ao seu encontro.

Lorena chega primeiro à parte central da ponte, apontando a lua e olhando encantada para Tobias, que se aproxima. Ela senta e finge mexer na luz refletida nas águas com os seus pés soltos no ar. Ao se aproximar, Tobias para e também admira a beleza da lua unida às curvas da paisagem do Rio Paraguaçu.

Ele se senta ao lado dela. Ela recosta a sua cabeça no ombro dele.

— Pensei que não viria hoje. — Disse Lorena, respirando aliviada e esfregando a sua mão no braço dele para se aquecer.

— Eu sempre arrumo um jeito de chegar, você sabe.

— E qual a novidade hoje? Resolveu as pendências do trabalho?

— Fiz a minha parte. Acho que fiz bem feita, então... Só esperar os resultados. E você? Como estão as crianças?

Os dois sorriram.

## TARDE NA RUA

*Mariana Paiva*

De lembrança do Brasil ele levou um desses vírus que ficam em suspensão: dor de cabeça, moleza, garganta inflamada, febre. De quebra uma diarreia, já que nada é tão ruim que não possa piorar. Há três dias tomando remédio e nada de melhora. Aí é que eu falo desses países desenvolvidos, sabe? Se fosse aqui, a mãe de alguém já teria receitado (por conta própria, obviamente) soro caseiro para impedir a desidratação, muita água e Novalgina para a febre. E muito suco, como disse outro dia um médico antigo que conheço, muito suco para fortalecer o organismo.

De lá de longe ele não melhora. E a medicina de ponta, meu Deus, era conversa? Mito que os países de terceiro mundo dormem sonhando? Pode até ser mesmo. Uma amiga que mora na Europa disse outro dia: “Fui ao médico, ele me examinou e depois me mandou tomar uma bomba. Fiquei boa logo, mas meu estômago reclamou”.

Foi a vida desregrada, meu bem. Isso eu não lhe disse, claro. Falei que era estressante mesmo voltar para seu próprio país, frio, depois de andar cá por esse lado dos trópicos. E então ele disse a coisa mais simples e pungente: “Meu país parece um escritório”. Não queria sambar sobre a tristeza alheia, então só pensei — não disse — que o meu tá mais para quintal. Não é à toa que no Street Fighter o personagem brasileiro é um



Tudo sempre continua,  
seja com outra cara ou parecido,  
mesmo quando não prossegue.  
Tudo sempre se embola  
no amanhã e no esquecido  
e entrega o que não é entregue.  
Nada vai embora quando vai  
e é delicado entrar ou sair.  
Nada é simples quando cai  
porque nada é simples antes de cair.  
Tudo é roxo, o tempo inteiro.  
O tempo só é breve pra gente  
poder se demorar.  
Todo vermelho é sorrateiro.  
O problema está em quem esquece  
que ir também é ficar.

@vanessabrunt

---

EDITORA  
[www.editorapenalux.com.br](http://www.editorapenalux.com.br)  
[penaluxeditora@gmail.com](mailto:penaluxeditora@gmail.com)

---